

RESEÑAS

**2022. O PAU-BRASIL SANGRA. BRIC-A-BRAC XXII. EDIÇÃO ESPECIAL. JUNHO DE 2022**

ERIVELTO DA ROCHA CARVALHO  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (BRASIL)

<https://orcid.org/0000-0001-6119-8979>  
eriveltodarocha@gmail.com



Varios Autores. (2022). *O Pau-Brasil sangra. Bric-a-Brac XXII. Edição especial. Junho de 2022*. Edição de Luís Turiba. Belo Horizonte: Radioclip Produções.

*2022. O Pau-Brasil sangra* é o número especial da revista *Bric-a-Brac* publicado em junho de 2022 por ocasião dos 100 anos da Semana de Arte Moderna de São Paulo, marco mais conhecido do que genericamente se convencionou chamar de Modernismo no Brasil (algo bem distinto do Modernismo hispânico, como é sabido). Editado pelo poeta e jornalista Luís Turiba, o número tem um caráter marcadamente poético e visual, retomando de forma comemorativa a trajetória da revista originalmente publicada em Brasília nos anos 80/90 do século passado, em seis fugazes números que deixaram uma rica coleção de intervenções marcando o imaginário da produção cultural brasileira ao final da última (ou penúltima) ditadura (a começada em 1964). Exala deste novo número da *Bric-a-Brac*, para além do título provocativo (que remete, por um lado, à espécie natural que deu nome ao país e

\*ESTA OBRA ESTÁ PUBLICADA BAJO UNA LICENCIA CREATIVE COMMONS 4.0 INTERNACIONAL:  
RECONOCIMIENTO-ATRIBUCIÓN-NO COMERCIAL-COMPARTIR-IGUAL.

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



ao movimento capitaneado por Oswald de Andrade e, por outro lado, jocosa e paralelamente, ao órgão sexual masculino), o ímpeto de re-colocar certa ordem de problemas que cruza a miríade de experimentações poético-estéticas deste início de século/milênio, fazendo falar (e sangrar) uma série significativa de questões artísticas e existenciais, dando a ver o estado de coisas no Brasil durante o mandato presidencial em que a extrema-direita brasileira esteve instalada no Palácio do Planalto, num governo célebre pela desídia com que tratou a pandemia de covid-19 e pelos ataques contínuos a uma institucionalidade em frangalhos desde o bem-sucedido (para azar dos brasileiros) impeachment ou golpe parlamentar da presidenta Dilma em 2016 e da prisão do ex-presidente (agora novo presidente) Lula em 2018.

Mas não é apenas pelo viés político que a publicação chama a atenção. Começo destacando na *Bric-a-Brac XXII* o amplo leque das colaborações que incluem o projeto gráfico de Rômulo Garcias, a emblemática foto da capa de autoria de Xico Chaves e a participação da equipe editorial cuja marca transparece na logo da revista, criada por João Diniz. Enumerem-se, em ordem de aparição, as intervenções poéticas, literárias e/ou visuais de: Luís Eduardo Resende (Resa), Walter Silveira, Antonio Cícero, Caio Machado, Christiane Sobral, Wélcio de Toledo, Suzana Vargas, José Carlos Vieira, Jorge Amâncio, Tanussi Cardoso, André Valias, Noélia Ribeiro, Paulo Kauim, Luiz Martins da Silva, Ricardo Silvestrin, Omar Khouri, Mano Melo, Raquel Campos (com um poema dedicado ao avô, cujo texto será resenhado adiante), Hélio de Assis, Babilak Bah, Anelito de Oliveira, Salgado Maranhão, Nicolas Behr, Paulo Sabino, Ana Paula Dacota, Angélica Torres Lima, Regina Pouchain, Domingos Ferran, Tavinho Paes, Jurema Araújo, Josafá Santana, Nuno Rau, Luciana Barreto, Luciana Alves, Alexandre Brito, Aroldo Pereira, Carla Andrade, Marcos Fabrício, Lau Siqueira, Tarciso Viriato, Juvenal C. Filho, Moyses Abbud, Arnaldo Xavier, Artur Gomes, Alice Ruiz, José Roberto da Silva, Aderval Borges, Vicente Sá, Júlio Mendonça, Maria Cristina Martins de Andrade, Cláudio Daniel, Maria Maia, Carlos Barroso, Jairo Fará, Kátia Gerlach, Maria Lúcia Verdi, Estaine Alencar, Sara Vitória, Ana Maria Fernandes de

Oliveira, Rosani Abu Adal, Pilar Domingo, André Giusti, José Soter, Alberto Rodríguez Tosca (na tradução de Antônio Miranda), Marcos Freitas, Daniel R. Silveira, TT Catalão, Bené Fonteles, Mila Petrillo e Wagner Barja.

Esta extensa lista por si só já poderia configurar duas ou mais antologias de poesia brasileira contemporânea, atravessada pelos novos grafismos que a acompanham e pelo diálogo entre pelo menos três gerações distintas que convivem no cenário “pós-pós-tudo” (de acordo com a definição do prólogo de Turiba) construindo assim uma cartografia crítica muito peculiar que estabelece várias pontes entre algumas capitais brasileiras como Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte (onde se publica o número XXII), conformando uma espécie de centro difuso que situa geograficamente o esforço de partida da nova *Bric-a-Brac*. Para além das colaborações já mencionadas, incluem-se mais três reproduzidas a partir de números anteriores (uma de Zuca Sardan; outra com fotos de Ricardo Kadão Chaves de uma sessão de entrevista com Pietro e Lina Bo Bardi e a última, uma composição tipográfica por Haroldo de Campos e Guilherme Nanui de um poema de Kurt Schwitters) apresentadas sob o selo de “Memória Bric-a-Brac”. Ademais, textos diversos em prosa como os de Moacyr de Oliveira Filho, Silvia Helena Cyntrão, José Roberto da S. (comentando a presença dos modernistas de 22 na Coleção Brasília no Museu de Arte de Brasília através de “Antropofagia”, água-forte de Tarsila do Amaral impressa em 1960 por Marcelo Grassman), um texto apresentando a instalação “Poéticas Leituras” de João e Bel Diniz (apresentada em 2021, em Belo Horizonte), o registro de uma conversa com o poeta e acadêmico Antonio Carlos Secchin sobre um cânone essencial do Modernismo brasileiro, uma carta do poeta e jornalista Paulo José Cunha ao falecido poeta piauiense Torquato Neto, (idealizador da revista *Navilouca*, marco do momento pós-tropicalista na arte brasileira), dois textos do poeta Ronald Augusto que acompanham a reprodução parcial de uma carta de Arnaldo Xavier a Èle Semog), um texto de Wagner Merije sobre o utopismo brasileiro e uma entrevista do jornalista Paulo Henrique com o antropólogo e

escritor Antonio Risério em torno do seu livro *Sobre o relativismo pós-moderno e a fantasia fascista da esquerda identitária*.

Acrescente-se aqui por último e em separado, por sua particular relevância, o texto “22 e Noigandres” do poeta Augusto de Campos, apresentado em nota anterior pelo editor Luis Turiba. A nota estabelece a relação do poeta com a primeira época da revista ainda publicada em Brasília. Acompanham o texto de Campos dois registros fac-símiles: um com o texto completo da orelha introdutória escrito por ele para a primeira edição das *Obras Completas* de Mário de Andrade (publicado originalmente em 1955); e três páginas selecionadas por Décio Pignatari do *Diário Confessional* de Oswald de Andrade (publicado originalmente no número 4 da Revista *Invenção*, em 1964). Destacado por Campos como fruto do “melhor” Mário de Andrade, acompanha também o trecho final do poema *O carro da miséria*, publicado postumamente em 1946. Em síntese, o texto de Augusto de Campos reivindica a centralidade do Concretismo paulista para a revalorização do Modernismo de 22, caracterizando como equívoco a ideia de que os Concretistas haveriam ignorado ou menosprezado a Mário de Andrade, por um lado, e criticando abertamente o que define como tentativa de desconstrução do Oswald de Andrade recuperado pelo Grupo Noigandres, o que é finalmente conjugado com uma diatribe contra a alegada pretensão de apagamento do Concretismo paulista da história cultural brasileira.

É de se saudar a publicação de mais este número, particularmente festivo, de *Bric-a-Brac*, sem medo de perder o juízo crítico diante da sua empresa. Quando de sua aparição, ainda não eram conhecidos os resultados das eleições de 2022 e é evidente que, neste sentido, o número XXII fez parte de um esforço mais amplo para somar a contribuição de poetas e artistas gráficos brasileiros ao movimento geral do setor cultural em prol da derrota da extrema-direita organizada via fascismo tecnológico. É considerando este contexto que o número especial da revista poderá ser apreciado mais adequadamente pelos seus leitores, como uma revista tributária das revistas de Vanguarda que reivindica o espírito geral da mesma, mas cujo foco, nesta ocasião,

esteve direcionado à necessidade de ação por parte dos criadores da cultura brasileira num momento particularmente adverso e desafiador para a nação. Acredito que esta peculiaridade explica ao menos parcialmente as escassas contribuições de caráter internacional do número, voltado para processos de refundação e reorientação internos, no que pese a preocupação geral e a vinculação da revista com problemas de ordem global, inclusive muitos deles ligados ao contexto latino-americano. Seja como for, sem se deixar levar pelo raso das disputas dos partidos poéticos ou pelas polêmicas sobre o peso do *paulistocentrismo* na historiografia sobre o Modernismo de 22 e, principalmente, sem desconhecer o pluralismo do fenômeno do Modernismo nem menosprezar a existência de outros modernismos no Brasil (para além daquele de São Paulo), este número especial volta-se ao passado com olhos lançados para o futuro.